

## Os outros do Rolex

Categories : [Reportagens](#)

Além do brasileiro Laury Cullen Jr, outros 10 homens e mulheres levaram o The Rolex Awards for Enterprise de 2004. É gente que vem dos 4 cantos do mundo – há entre eles uma argentina especializada em fósseis e um japonês que sabe tudo sobre seda – e que passou boa parte de suas vidas descobrindo, preservando, recriando ou inventando coisas que a esmagadora maioria dos seres humanos nem imagina existir ou muito menos um dia fazer. Como a suíça Claudia Feh, que há 30 anos estuda manadas de cavalos ‘selvagens’ em vários continentes. Seu grande feito foi criar 12 cavalos Przewalski – originários da Mongólia – na França e reintroduzí-los, em setembro deste ano, em seu habitat natural. Ou a americana Jo Thompson, que desde 1992 se dedica a preservar os macacos bonono no Congo, um país que viveu os últimos anos sob conflitos políticos violentos e enfrentou uma guerra civil. Abaixo, a lista dos vencedores do prêmio e o registro fotográfico de seus projetos, que chegaram à redação de O Eco em um CD. As imagens são lindas. Na verdade, são a principal razão pela qual estamos dando a lista dos outros vencedores do The Rolex Awards. Serviu como desculpa para que fossem publicadas.

### **Lonnie Dupre, 43 anos, americano**

É um inveterado explorador do Ártico. Já fez 6 grandes expedições na região e em 2005 vai fazer a primeira travessia do Oceano Ártico no verão, sem qualquer apoio exterior e utilizando-se apenas de caiaques e esquis. Ao contrário do que possa parecer, a travessia de Dupre, que será feita em companhia de Eric Larsen, não tem nada de banal. O Oceano Ártico já foi atravessado diversas vezes, mas sempre no inverno. As águas geladas facilitam muito a tarefa. No verão, Dupre e Larsen enfrentarão situações bem mais traiçoeiras, provocadas pelo derretimento do gelo. O objetivo da viagem é duplo: querem medir e ao mesmo tempo dar publicidade aos efeitos do aquecimento da Terra sobre a calota polar.



### **Shekar Dattatri, 41 anos, indiano**

É a quem pode se chamar de um cinegrafista de resultados. Usa sua câmera para ajudar na preservação do meio ambiente num dos países mais populosos do mundo, a Índia. Em 2001, produziu um curta de 12 minutos sobre uma mina de ferro que estava sendo explorada bem no meio da selva de Kudremukh, no sul da Índia. A apresentação do filme galvanizou a oposição contra a mineradora e ele serviu para embasar a decisão judicial da Suprema Corte da Índia que ordenou o fechamento de sua operação em Kudremuh no ano que vem.



### **Kikuo Morimoto, 56 anos, japonês**

Está desde o início dos anos 90 no Cambodia, devolvendo ao país uma tradição perdida em trinta anos de guerra: a produção de seda. O conflito dizimou boa parte da geração que hoje deveria ter entre 30 e 60 anos de idade e ela não passou seu conhecimento sobre a confecção do fio e do tecido da seda aos mais jovens. Morimoto se propôs a ser este elo perdido entre gerações e ao mesmo tempo viabilizar uma atividade econômica entre os lavradores cambodianos.



### **Claudia Feh, 53 anos, suíça**

O Takh, como é conhecido na Mongólia o cavalo Przewalski, é a única espécie de cavalo genuinamente selvagem que resta no mundo. Só que cheia de problemas. Apesar de sua ancestria, a maioria dos espécimes da raça já estava há muito domesticada e sua pureza ameaçada por cruzamentos com outros tipos de cavalo. Há 12 anos, Feh – a maior especialista mundial em cavalos livres – reuniu um grupo de 11 exemplares da raça ainda puros de zoológicos europeus e os levou para uma fazenda de 400 hectares no interior da França, com vegetação e terreno semelhantes ao da estepe mongoliana. Cruzou-os e treinou 12 de seus potros a se comportarem como cavalos selvagens. Em setembro, levou-os de volta à Mongólia e os reintroduziu na natureza. Na França, ela agora prepara a 2ª geração de Takhs para o mesmo destino.



### **Pisit Charnsnoh, 57 anos, tailandês**

Em 1985, fundou uma Ong destinada a recuperar o meio ambiente próximo a aldeias de pescadores na costa da Tailândia. No seu trabalho, o ecologista descobriu que o dugong – um primo muito próximo do nosso peixe-boi – estava, como seu similar brasileiro, em franco processo de extinção. Charnsnoh não conseguiu reverter a situação. Mas pelo menos desacelerou seu desaparecimento. De quebra, tem usado habilmente a imagem do mamífero em favor da recuperação e preservação dos ecossistemas no litoral tailandês. Hoje, restam 200 exemplares de dugong nessa região.



### **Teresa Manera de Bianco, 59 anos, argentina**

Paleontóloga e geóloga, ela se dedica desde 1986 a proteger um dos mais importantes sítios arqueológicos da América do Sul, localizado na costa argentina, próximo à cidade de Punta Alta. Conhecida como Pehun Co, é uma plataforma rochosa onde estão pegadas e fósseis de vários animais que habitaram o continente há 12 mil anos. A área está ameaçada pela proximidade com comunidades humanas e a elevação da maré na região. O trabalho de preservação de Bianco é considerado um dos mais difíceis do mundo. O sítio arqueológico está condenado no tempo. Preservar as pegadas fazendo moldes de gesso revelou-se inviável. O material as deixava completamente danificadas. Retirá-las do local também. Sua formação geológica é tão frágil que elas tendem a se desfazer.



### **Jo Thompson, 47 anos, americana**

Enfrentou uma guerra civil e conflitos políticos no Congo, ex-Zaire, para proteger os bononos, macacos que têm atitudes que lembram muito os seres humanos. Andam em pé e usam expressões faciais para se comunicar. Em 1998, comprou 34 quilômetros quadrados de mata virgem no país e criou uma reserva onde vivem hoje 600 bononos. A estação científica que havia no local foi destruída por rebeldes um ano mais tarde e Thompson, uma das mais reconhecidas primatologistas do mundo, foi obrigada a deixar o país. Voltou há dois anos e está se propondo a reconstruí-la, aproveitando a tênue paz que vigora no país.

### **David Lordkipanidze, 41 anos, georgiano**

Desde que achou em 1991 em Dmanisi, na República da Geórgia, os restos de fósseis de um hominídeo que viveu há quase dois milhões de anos, tem enfrentado a instabilidade política na

República da Georgia, ex-república da antiga União Soviética, para explorar e preservar este sítio arqueológico. Sua descoberta revolucionou o estudo das origens do homem.

### **Dora Nipp, canadense**

Advogada e etnóloga, toca um projeto de história oral da imigração estrangeira para o Canadá. Tem mais de 8 mil horas de entrevistas gravadas com imigrantes. Todo este material vai para o Museu da Imigração, que será criado ano que vem em Toronto.

